



UNICAMP

P41.28

|          |                               |
|----------|-------------------------------|
| EVENTO:  | Mikhail Baryshnikov           |
|          | White Oak Dance Project       |
| VEÍCULO: | Jornal do Brasil              |
| DATA:    | 09 de novembro de 1993        |
| PÁGINA:  | 04                            |
| SEÇÃO:   | Caderno B - Crítica de Ballet |



CRÍTICA ■ BALÉ/ White Oak Dance Project/ ★ ★ ★

# Um 'deus' vestido de branco

Divulgação

DANUSIA BARBARA

**E**LEGANTE, preciso, artístico. Empolgante? Para os que buscam muita ação, fogos de artifício, piruetas deslumbrantes, romantismo, é um espetáculo morno. Para os que vão em busca de arte contemporânea, luz e escuridão no palco, dançarinos competentíssimos, música ao vivo ótima, é um espetáculo de se aplaudir muito. Aliás, foi o que aconteceu domingo no Teatro Municipal lotado, com o público a aplaudir freneticamente, delirante, feliz.

Mikhail Baryshnikov ainda dança bem aos 45 anos? A pergunta não se enunciava em voz alta, mas se articulava que nem anúncio de neon na cabeça de muita gente antes do espetáculo começar. A produção não perdeu tempo e tratou de iniciar com o próprio Misha solando Gershwin. Dúvidas dissolvidas: Mikhail Baryshnikov dança muito bem. Não é um jovem de 18 anos a saltitar desvairado, é um ser maduro a mostrar sua garra.

Ele começou *soft*, com os *Três prelúdios* para piano de George Gershwin, numa coreografia de Mark Morris já conhecida do público carioca. O dançarino — de preto, luvas e meias brancas, para atrair atenção ao movimento de pés e mãos — se desloca como uma pluma, elegantíssimo. Esbanja graciosidade e precisão, numa música agradável. Lindo.

Depois vem *Quartet*, música de Kevin Volans, coreografia de Kevin O'Day, com Kate Johnson e Kevin O'Day, Ruthlyn Salomone e John Gardner, num número não previsto no programa. Movimentos oblíquos, sinuosos, mas sempre macios, relacionam os dois casais. O espectador solta a imaginação e começa a associar as sensações do que vê com vinho, Picasso, pássaros, relações amorosas, seres humanos se relacionando. Muita coisa passa na comunicação artista/público. Eles também dançam bem.

*Jocose*, música de Maurice Ravel e coreografia de Hanya Holm, com dois painéis como cenário, traz Nancy Colahan, Kate Johnson e Marianne Moore rodopiando em saias longas, Rob Besserer e Kevin O'Day se integrando, alguns bastões de malabarismo usados de quando em vez. É belo e contemporâneo, a começar pelo título. O próximo número traz Misha solando *Pergolesi*, de Twyla Tharp. *Allegro, adagio, vivace, andante, maestoso, allegro*, Mikhail Baryshnikov é um *deus* vestido de branco a bailar. Movimento, movimentos, tudo parece perfeito.

*Mosaic and United*, coreografia de Mark Morris e música de Henry Cowell, encerra a apresentação com um número denso, onde Misha se mistura aos outros bailarinos, numa evidência explícita de que é uma equipe que está em cena, a mostrar o que oito bailarinos contemporâneos podem fazer num espetáculo de câmara. Magnífico mosaico, unindo a todos que foram assistir ao White Oak Dance Project.



Aos 45 anos, Barishnikov ainda mostra talento e garra em seu grupo de dança contemporânea